



O QUILOMBO EM MIM: Retornar para se reencontrar - Comunidade Quilombola Engenho de Siqueira

THE QUILOMBO IN ME: Returning to find yourself again - Engenho de Siqueira Quilombola Community

Gilvânia Santos Silva¹ (UNESP)

RESUMO

A pesquisa é sobre os ensinamentos movidos no território quilombola em que minha mãe Maria do Carmo nasceu e cresceu. Tem como intenção, estabelecer diálogos com a Comunidade Quilombola Engenho de Siqueira situada na cidade de Rio Formoso em Pernambuco. Registrar e apresentar os processos de ensinamentos quilombolas tendo como fundamentação os conceitos de *oralituras* como propõe Leda Maria Martins e da *escrevivência* proposta por Conceição Evaristo a partir também da produção de uma obra audiovisual.

Palavras-Chave: Quilombo. Arte Educação. Escrevivência. Oralituras. Audiovisual.

ABSTRACT

The research is about the teachings carried out in the quilombola territory where my mother Maria do Carmo was born and raised. Its intention is to establish dialogues with the Engenho de Siqueira Quilombola Community located in the city of Rio Formoso in Pernambuco. Record and present the processes of quilombola teachings based on the concepts of *oralituras* as proposed by Leda Maria Martins and *escrevivência* proposed by Conceição Evaristo also based on the production of an audiovisual work.

Keywords: Quilombo. Art Education. Escrevivência. Oralituras. Audiovisual.

¹ Doutoranda em Arte Educação pelo Instituto de Artes da UNESP, professora na rede pública estadual de São Paulo, artista da dança e atualmente está como coordenadora pedagógica no Instituto Criar de TV, Cinema e Novas Mídias. E-mail: gilvania.santos@unesp.br



Esta pesquisa surge a partir de uma vontade pessoal em conhecer mais sobre o quilombo que minha mãe nasceu e cresceu. O Quilombo de Siqueira, fica na cidade de Rio Formoso no estado de Pernambuco. Ouvir e alimentar-se com as conversas com a minha mãe e familiares que ainda residem no quilombo assim como profissionais da educação que atuam na Escola Municipal José Minervino Roberto, escola que fica na comunidade quilombola. Permitir-se ao processo de escuta e aprendizado através das histórias e experiências proporciona uma vivência e outros olhares para o fazer e o ensino da arte. A ideia é colher relatos e imagens que possam apresentar uma forma de organização e vida antirracista e/ou decolonial dialogando com os estudos de Leda Maria Martins (1997) sobre *oralituras* e Conceição Evaristo (1994) sobre *escrevivência*.

Em 2013 eu chegava à escola pública como professora contratada, na chamada Categoria O. Em 2014, assumi meu cargo em uma escola estadual na cidade de Osasco. Eu vinha de uma realidade de ensino exclusivamente da dança, trabalhando em ONGs como educadora de danças afro brasileiras e populares. Vale ressaltar, que meu primeiro contato com as manifestações tradicionais pernambcanas acontece na cozinha de casa com a minha mãe Maria do Carmo. Ela, relatava com frequência enquanto a comida era preparada, os momentos vividos na época de carnaval e dos ensaios de frevo e pastoral.

Ao chegar na escola, me deparei com salas de aula endurecidas e com um ensino muito embranquecido. Fui notando ao longo do tempo, que esse endurecimento não era exclusividade apenas da sala de aula, mas também da sala docente, que aliás, esse grupo era em sua maioria, composto por professoras e professores não negros. A falta da presença de pessoas negras me chamava a atenção, assim como a aplicação dos objetos do conhecimento (nome dados aos conteúdos ensinados) serem em massa a ausência da história das populações negras, principalmente no que dizia respeito ao ensino de arte.



Figura 1. Ensaio fotográfico para a Revista Empoderar na E.E. Professore Newton Espírito Santo Ayres, 2019.



Fonte: <https://issuu.com/revistaempoderar>

Movida por alguns incômodos, em 2019 me candidatei a função de coordenadora pedagógica, e os desafios começaram a surgir para além da sala de aula. Me deparei com uma dificuldade do grupo docente em entender, dialogar e colocar em prática o que assegura a Lei 10.639-03. A partir daí, percebi que a mobilização precisava acontecer primeiro com o grupo docente, que estava acostumado a não olhar ou ainda priorizar as questões que envolviam a EREER (Educação para as Relações Étnico-Raciais). Exerci a função de coordenadora até o final do ano letivo de 2022, quando recebi a proposta para assumir a coordenação do programa de formação do Instituto Criar de TV, Cinema e Novas Mídias. Era preciso olhar de fora, depois de tantos anos dedicados à educação pública.

Em agosto de 2023, defendi a dissertação de mestrado intitulada “*Entre a cozinha e a sala de aula: caminhos possíveis para um ensino antirracista da arte na escola pública*” apresento no primeiro capítulo desta pesquisa, um pouco da comunidade quilombola em que minha mãe nasceu. Durante o processo de escrita,



foi sendo levada a uma vontade de falar mais sobre os saberes e ensinamentos deste quilombo. Digo deste especificamente, pois as sabedorias quilombolas são muitas.

Durante a minha escrita do mestrado, apresentei o conceito de *lugar-afeto*, me referenciando ao espaço da cozinha, este que para tantas pessoas é lugar de aprendizagem. E pensando a cozinha como ambiente de ensino, faço uma relação com a sala de aula, já que esta possibilita um encontro de diferentes histórias e consequentemente diversas narrativas que podem se transformar em caminhos para um ensino antirracista. Ensino a partir das vivências e experiências de quem ocupa a sala de aula. A partir disso, percebi o quanto essas narrativas poderiam ser apresentadas em uma linguagem audiovisual. Interessada em escutar mais e escrever mais, desejo nesta pesquisa além de criar mais um registro da história da comunidade Quilombola Engenho de Siqueira, conhecer a organização e o modo de vida de um quilombo que vive sob ameaças de tomada de terras, resistindo através das manifestações culturais e da educação. Registrar os processos de ensino-aprendizagem das artes na comunidade a partir das perspectivas de Oralitura e Escrevivência.

A estrutura do ensino de artes pode ser repensada visando a efetivação de práticas pedagógicas antirracistas. É necessário mobilizá-la para então ampliar as referências e os aprendizados em torno da arte. O quê e de que forma podemos aprender sobre a educação quilombola? O quê e de que forma podemos aprender sobre o modo de organização desses territórios? Essas, são algumas perguntas que faço para tentar ampliar o olhar em relação do que o ensino escolar tradicional pode através dessas referências repensar o ensino de arte e as práticas pedagógicas. Quais convergências existem entre essas duas maneiras – da educação quilombola e do ensino escolar tradicional - de pensar e ver o mundo?

Em minha pesquisa de mestrado, escrevo: *o quilombo como força vital de mulheres e homens que (re)existiram, daqueles e daquelas que ainda estão e daqueles e daquelas que escolheram ou tiveram que se deslocar*. E para fortalecer minha escrita, cito Beatriz Nascimento que diz:

A importância dos 'quilombos' para os negros na atualidade pode ser compreendida pelo fato de esse evento histórico fazer parte de um universo simbólico em que seu caráter libertário é considerado um



impulsionador ideológico na tentativa de afirmação racial e cultural do grupo. (2021,p. 109)

Portanto, para a efetivação do antirracismo, é importante entendermos e reconhecermos os modos de produção e existência dos conhecimentos dos territórios quilombolas.

No quilombo, contamos história, na boca da noite, na lua cheia, ao redor da fogueira(...). Nós contamos história sem cobrar nada de ninguém, o fazemos para fortalecer a nossa trajetória. E não contamos apenas as histórias dos seres humanos, contamos também histórias de bichos: macacos, onças e passarinhos. (SANTOS, 2023, p.25)

Me encontrei com Antônio Bispo dos Santos também conhecido como Nego Bispo no final de 2022 e em 2023 com sua obra “a terra dá, a terra quer”, seu jeito de falar e escrever sobre o quilombo me abraçou. Em seu livro, Antônio Bispo nos presenteou com palavras e ensinamentos sobre a organização, modo de vida e pensamentos quilombolas. Dessa forma, ele possibilita para mim, falar sobre a comunidade da qual eu também faço parte, pois como ele bem traz em seu texto, somos confluência: *quando a gente confluencia, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente – a gente rende*. Assim eu desejo ser gente e muitas outras gentes, confluenciando e rendendo.

A obra “Uma História feita por mãos negras” organizada por Alex Ratts, reúne ensaios, resenhas e artigos de Beatriz Nascimento escritos entre 1974 e 1994, nela é possível encontrar os pensamentos dessa importante intelectual brasileira, covardemente assassinada em 1995. Beatriz Nascimento tinha como ponto de vista na luta antirracista o princípio quilombola, seus pensamentos seguem atuais e são importantes na literatura para pensar e escrever sobre quilombo. Dessa maneira, também a partir de seus pensamentos para entender a comunidade quilombola engenho de siqueira, dialogarei com os estudos sobre *oralituras* propostos por Leda Maria Martins (1997).

Nesse sentido, o que no corpo se repete não se repete apenas como hábito, mas como técnica e procedimento de inscrição, recriação, transmissão e revisão da memória do conhecimento, seja este estético, filosófico, metafísico, científico, tecnológico, etc. (MARTINS, 2003, p.66)



Assim, a oralitura fundamenta sobre os saberes transmitidos não somente através da literatura, mas através de um corpo que complexo e múltiplo em suas manifestações, como por exemplo, a brincadeira da Laursa, que é mantida até hoje dentro do quilombo de siqueira, Leda Maria Martins, diz: *o corpo em performance restaura, expressa e, simultaneamente, produz esse conhecimento, grafado na memória do gesto*. Dessa maneira, identificar como as manifestações populares são meio de produção e elaboração de conhecimento. O corpo sendo portal e lugar de transferência e a gente sendo muitas gentes, assim, também proponho dialogar com Leda e Bispo.

A escrevivência de Conceição Evaristo, também será estudo fundamental para a organização dessa pesquisa. Os relatos de minha mãe e de outras mulheres quilombolas darão sustentação a organização da pesquisa, relatos de homens quilombolas também aparecerão, compondo as narrativas das formas de produção de conhecimento e modo de vida no quilombo. Será a partir das escrevivências que a escrita da pesquisa será estruturada, em uma tentativa de aproximação as diversas formas de grafar a vida.

A partir dos relatos mencionados anteriormente, estabelecer uma aproximação com os estudos de Leda Maria Martins sobre *oralituras* – conceito utilizado para organizar as histórias e os saberes ancestrais passado não apenas através da literatura, mas também das manifestações performáticas culturais - e Conceição Evaristo sobre *escrevivência* – jogo entre as palavras escrever e viver com o objetivo de narrar e contar histórias de mulheres negras que Evaristo encontrou ao longo da vida - pensando possibilidades para que esses relatos-ensinamentos sejam caminhos para fortalecer as práticas antirracistas do ensino das artes, sobretudo na escola pública.



Figura 2. Minha mãe e eu lavando roupa no Quilombo de Siqueira, 2023.



Fonte: Arquivo pessoal

Em janeiro de 2023 retornei ao audiovisual, e neste retorno vi a possibilidade de registrar as experiências no quilombo a partir desta linguagem. O curso de Produção feito no Instituto Criar de TV, Cinema e Novas Mídias entre 2004/2005 e breve experiência na área após a conclusão do curso, seguiu comigo em sala de aula. Eu notava uma facilidade de organização e produção de atividades e eventos dentro da escola, habilidade adquirida no curso. No processo de finalização da dissertação o desejo que filmar o território quilombola foi crescendo e hoje, está tomando forma.

A obra audiovisual será conduzida pelas investigações no território e pelos contatos que tive anteriormente no quilombo. Além disso, dará a narrativa para a própria escrita da pesquisa. A produção audiovisual surge com a intenção de ampliar os materiais referenciais que são usados em sala de aula, principalmente na rede pública de ensino básico, buscando uma aproximação a partir dos olhares que serão narrados em texto, fotografia e vídeo.



CONSIDERAÇÕES

Sendo os quilombos territórios de resistência, como desconsiderar a existência dos saberes desses territórios no ensino de arte? É preciso criar espaços para que mais estudos e produções audiovisuais sejam realizadas e publicadas a fim de registrar e gerar novas práticas a partir dos modos de organização das pessoas que estão nesses espaços. E mais, se existe o entendimento da sociedade e da academia sobre a importância da educação antirracista e/ou decolonial, não há como desconsiderar a existência dessas tecnologias ancestrais do saber. Para qualquer projeto antirracista e decolonial no Brasil, essas são fontes fundamentais de inspiração, investigação e referência para ampliar e fortalecer práticas docentes e de criação. Assim, os modos como são produzidas as obras audiovisuais e cinematográficas também são responsáveis pela forma que se contam as histórias e pelo modo de organização do ensino. Durante minha época como estudante de escola pública, sempre aprendi que quilombos eram apenas lugares de gente negra que sofria e lutava para viver. Mas porque nunca me ensinaram sobre os esses modos de sobrevivência? Porque as representações eram sempre voltadas para o lugar da dor e da morte? Essas são algumas perguntas que me direcionam para a produção de uma obra audiovisual antirracista e decolonial e mobiliza para repensar a estrutura do ensino de arte.



REFERÊNCIAS

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma História feita por mãos negras: Relações raciais, quilombos e movimentos** / Beatriz Nascimento; organização Alex Ratts - 1ª edição - Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2021.

REVISTA EMPODERAR.

Edição 1: https://issuu.com/revistaempoderar/docs/revista_empoderar_n01

Edição

2:

https://issuu.com/revistaempoderar/docs/revista_empoderar_2018_final_1

Edição 3: https://issuu.com/revistaempoderar/docs/revista_2019_final_3

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

SILVA, Gilvânia Santos. **Entre a cozinha e a sala de aula: caminhos possíveis para um ensino antirracista da arte na escola pública**. São Paulo, 2023. Dissertação (Mestrado em Arte Educação). Instituto de Artes Unesp, São Paulo, 2023.

SANTOS, R.; FERREIRA, J. F. de S.; SILVA, G. S. **Pode uma mulher negra existir? Histórias para gente disposta**. Revista Apotheke, Florianópolis, v. 7, n. 3, 2022. DOI: 10.5965/24471267732021082. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/21124>. Acesso em: 21 fev. 2023.